

FILOSOFIA E «CULTURA MOÇAMBICANA»

Miguel Moto

motelmig@hotmail.com

Faculdade de Filosofia da
Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

A filosofia é aquela “busca do saber” da parte do homem visando melhorar o conhecimento sobre aquilo que está em volta de si e criar instituições que possibilitem uma vida melhor. Neste artigo procuramos demonstrar que a cultura é produção espiritual e material do homem dentro de uma Comunidade e como tal identifica essa mesma comunidade (Cassierer 1968. Herder 1971). No nosso entender na cultura estão expressas todas as *dimensões* antropológicas do homem, a dimensão existencial, intelectual, decisória e Accional. A filosofia intervém e acompanha o processo de formação cultural do homem através da assimilação daqueles valores que contribuem para a sua plena realização. Partindo das noções subjectivas e objectivas da cultura, este artigo procura fazer uma leitura da relação entre filosofia, como *saber consciente do homem* e cultura como fruto da inteligência do homem. Na leitura filosófica é possível notar os fundamentos da cultura, suas características e concluir que Moçambique é um conjunto de culturas e nenhuma pode reclamar a supremacia em relação com a outra, mas apenas uma complementaridade e o princípio de complementaridade pode ser usado também na relação com as outras culturas que vem de fora de Moçambique. O critério metodológico para o estudo filosófico de uma cultura moçambicana passa necessariamente na resposta às perguntas: até que ponto ela responde as condições da *existência* do homem? Responde *inteligentemente* as suas *decisões* e as põem em prática através das suas *acções*?

Palavras-chave: Filosofia, cultura e fundamento.

Abstract

Philosophy is that ‘search for knowledge’ by man which aims to improve our knowledge of what is around us and create institutions which make a better life possible. In this article we aim to demonstrate that culture is a spiritual and material product of man within a community and as such identifies with the same community, (Cassierer 1968. Herder 1971). Our understanding of culture is of a space where all the anthropological dimensions of man are expressed, be they existential, intellectual, decisive and actional. Philosophy intervenes and accompanies the process of man’s learning through the assimilation of those values with contribute to his full realization. Starting from the subjective and objective concepts of culture, this article aims to study the relation between philosophy as man’s conscious knowledge and culture as the fruit of man’s intelligence. A philosophical reading makes it possible to see the foundations and characteristics of culture, and thereby conclude that Mocambique is a group of cultures and none can claim to be superior to any other. Only complementarity and the principle of complementarity can be used also in relation with other cultures which come from outside Mocambique. The methodological criteria for a philosophical study of a Mocambican culture by necessity transfers to answers to the

questions: how far does culture respond to man's existence? Does it respond intelligently to its decisions and put them into practice through its actions?

Keywords: Philosophy, culture, reason

Introdução

Entre filosofia e cultura existe uma relação intrínseca, uma conexão tão profunda, embora, em alguns momentos a filosofia se apresente como um dos elementos da cultura, como é o caso da língua, dos costumes, da arte, da técnica, etc., porque, segundo a nossa convicção filosófica, «onde existe o homem ai existe filosofia e cultura em abundância e onde existe cultura em abundância, ai está presente com ela a filosofia». Partindo desta constatação que parece um silogismo, podemos dizer previamente que: «se em Moçambique existem homens, o que não se pode duvidar, então existe filosofia e existe cultura». Este é o primeiro ponto fundamental que se deve ter em conta. Em segundo lugar, a relação existente motiva o estabelecimento de linhas de pesquisa comuns para que os vários outros elementos de que a cultura compõe sejam interpretados na sede da filosofia e a filosofia possa encontrar os dados de reflexão partindo daqueles que a cultura oferece, por exemplo, o conhecimento e interpretação da língua e da linguagem (o sentido e importância da palavra e de sinais), da arte, através da filosofia da arte ou uma arte filosófica, dos costumes, ou a filosofia dos costumes, da técnica, etc. Por ultimo, porque este estudo dirige-se ao contexto concreto, Moçambicano, seria de adiantar que a nossa projeção é de que todo o curso sobre a CULTURA MOÇAMBICANA passa por reconhecimento, em primeiro lugar das VÁRIAS CULTURAS existentes em Moçambique, como o próprio conceito de cultura vai mostrar e demonstrar. A nossa pretensão última é: «Que todos sejamos um, com as nossas diversidades filosóficas e culturais».

Fundamentos Gerais da relação entre Filosofia e Cultura

A predileção do homem para com a filosofia liga-se com aquela fase em que o homem se descobriu ser «sábio», por isso «sábio e amante da sabedoria» e através desta categoria, despertou-se nele a faculdade de investigador, amante de conhecimento, descobridor e criador do seu mundo e de seus instrumentos para a sua sobrevivência, por isso, de um simples homem sábio, ele tornou-se Homo *Faber*, ou seja o «homem fazedor de si mesmo e da sua sociedade». Por isso, a Filosofia continua a ser «amor ao saber», e a «Cultura», como produto da inteligibilidade de tudo aquilo que ele produz: seja espiritual que material. Isto pode-se traduzir nesta articulação filosófica: O Homem *é, pensa, decide e age*. O homem agindo *faz, faz* porque *decide, decide* porque *pensa, pensa*, porque *é*.

A Filosofia é, por assim dizer, uma ciência universal quanto a cultura, presente em todos os homens ocupando-se em conhecer, compreender e interpretar as manifestações produzidas pelos outros elementos da cultura.

Mas o que é, então, cultura? Qual é a relação entre cultura e a filosofia ou vice-versa? O que é cultura, em termos gerais para que dela falemos no sentido mais contextualizado, da cultura Moçambicana ou Culturas Moçambicanas?

Para respondermos estas perguntas, precisamos recorrer às definições e concepções que ao longo da história do processo do saber humano, do saber filosófico, foram sendo dadas e destas, por serem universais, foram assumidas pelos estudiosos e podem ser aplicados para a compreensão do que seja a cultura em Moçambique. É nestas definições que veremos que seria pouco prudente falar de Cultura Moçambicana, senão Culturas Moçambicanas. Ou seja, das Culturas Moçambicanas, podemos chegar à cultura Moçambicana

Qualquer definição sobre a cultura terá que ter em atenção os seus dois conceitos: subjectivo e objectivo.

O conceito subjectivo da cultura

Neste sentido a cultura é uma orientação pedagógica: educação, cultivação do homem.

No Ocidente a cultura foi vista como: sinal de dignidade, mobilidade, critério de distinção entre a classe superior e inferior, entre população *civil* e *bárbara*, etc.

No mundo grego é com Platão que o termo cultura recebe a sua forma mais sistemática, no sentido que a cultura foi vista como educação do homem, é assim que o conceito de cultura está ligado com o de filósofo (Platão).

A cultura, como educação, está em conformidade com a «busca da verdade» e a sua «contemplação», por conseguinte, alguém torna-se verdadeiramente homem quando chega a contemplar a verdade e isso pressupõe a prática da virtude e uma adequada educação. Para Platão, nem todos os homens instruídos são verdadeiramente cultos, educados (Platão, *Leis I*, nr. 643). Desta forma, Platão define a educação como uma conveniente e justa orientação que poderá conduzir a alma da criança ao amor daquilo que, uma vez adulto, poderá praticar numa completa experiência e bravura, com vista a tornar-se um «perfeito cidadão que sabe comandar e obedecer segundo a justiça».

Os pensadores cristãos da antiguidade e do medieval concebiam a cultura essencialmente como contemplação (o termo contemplação seja em Platão que em Aristóteles é uma virtude e atitude filosófica), mas o objecto por se contemplar era a própria pessoa de Cristo. Por sua vez, S. Tomás de Aquino demonstra a necessidade da disciplina, ou seja a paideia, que é equivalente a *cultura subjectiva* (Aquino, q.95) e a cultura é fruto da perfeição mesma do homem através de um *exercício*, isto é, um *cultivar-se*, que também pode ter o significado de disciplina. Daqui se pode derivar todo o uso e compreensão filosófica do termo “cultura” no medieval e na antiguidade romana da palavra aqui em discussão: “cultura”, literalmente como a cultura dos campos ou no significado simbólico do culto aos ídolos ou o culto aos deuses. Sendo assim, não é usado nem como significação subjectiva e muito menos científica, o que não quer dizer que perca o seu significado pedagógico, aquele de educação.

Em alguns casos até o termo é usado como *ciência* e *filosofia* como expressão mais elevada do saber humano, por isso que, na verdade, na época medieval a filosofia da cultura toca «a quem tem a vida mais alta» e, por conseguinte, a «filosofia da cultura de São Tomás confere a cognição parcial da cultura clássica e patrística uma estrutura unitária, sintetizante e orgânica, e por isso, é uma demonstração, como aquela que poder-se-ia conceber hoje no campo da ciência, ou seja, como evidência lógica» (Kern, pp. 122 ss). Como afirma Grabmann, o mérito de São Tomás foi aquele de ter sabido elevar a um bom fim a grande tarefa da cultura do seu tempo que é a valorização do pensamento aristotélico a uma vantagem da *Weltanschauung* cristã, da teologia e da filosofia (Grabmann, 1931, pp.12-13). A exposição de Grabmann não pretende ser uma construção da filosofia da cultura no sentido moderno, como aquela que se encontra na escola filosófica de Baden que está mais orientada para a cultura científica (Windelband, Rickert, Lask) analisando a personalidade histórica com o método da formação histórica dos conceitos. Em São Tomás, segundo Grabmann, «a filosofia da cultura é a dedução, a demonstração e a crítica dos valores e dos bens da cultura segundo os princípios e os cânones metafísicos e teológicos do sistema» (Grabmann, 1931, p. 14). Trata-se, como se pode ver, de uma filosofia de cultura vista no sentido pedagógico, como formação da pessoa, através da assimilação daqueles valores que grandemente contribuem para o seu enriquecimento e a sua realização, como são os valores do Bem, do Belo, do Verdadeiro, do Justo, do Honesto, etc..

Já a partir do século XVIII quando o termo cultura começa a se fazer presente nas línguas modernas (alemão, francês, Inglês): cultura é vista: no sentido simbólico de cultivação do homem e das suas faculdades espirituais, igualando-se, desta forma, com o seu significado grego, aquele de *Paideia* dos gregos e aquela concepção latina de *disciplina* ou mesmo *humanitas*, como demonstra Mondin (1981, p. 48).

As contribuições da análise etimológica do filósofo e historicista Wilhelm Wundt (1920) a palavra «Kultur» deriva daquela latina *colere*, daqui *cultus* e o seu desenvolvimento darem origem a *cultura mentis*, já expressão usada no fim da época medieval e o início do Renascimento, que é, ao mesmo tempo, a origem do sentido que foi usado com o Humanismo, termo que chega a ser usado nas línguas modernas.

Foram também de grande relevo as contribuições de G. Herder e Ernest Cassirer. Para o primeiro, representante do humanismo alemão, a definição da cultura se relaciona com a própria função humanista, mostrando que esta não é qualquer coisa acidental e secundária, mas é essencial, é uma espécie da segunda infância do homem em que o objectivo da cultura é o próprio homem, por isso tudo aquilo que diz respeito ao homem, faz parte da cultura, tal é o caso da linguagem, a arte e a religião (Herder, 1971, p. 214). A cultura, neste contexto tem uma função essencialmente humanística e sem a cultura o homem não se realiza plenamente a si mesmo e não se realiza com os outros, nos outros e para os outros.

Para E. Cassirer (1968, p. 39), partindo das perspectivas subjectiva a cultura é um: «Processo de uma progressiva Auto-libertação do homem. A língua, a arte, a religião, a ciência, em cada uma das quais o

homem descobre e experimenta um novo poder: o poder de construir um mundo próprio, um mundo ideal».

Qual é a diferença que se pode encontrar entre estes dois filósofos? Apesar de termos elementos comuns, como é o caso da língua, da arte e da religião, nota-se que, enquanto para Herder a língua, a arte e a religião são tidos como princípios fundamentais que estão presentes desde o início do processo cultural como os sentidos, a razão e a liberdade, e a cultura é apresentada como resultado da sua aplicação simultânea; em Cassirer existe um elemento novo que é a ciência ou seja, a língua, a arte e a religião são apresentadas como três etapas sucessivas do processo cultural e como prelúdios da etapa final que é aquela da ciência. A visão de Cassirer sobre a cultura é uma visão dinâmica, embora esteja presente a tendência idealística (ideal), racional e conceitual, isto é, filosófica, transcurando os factores práticos, como a economia, a política, a técnica, etc., considerados elementos objectivos da cultura.

O conceito objectivo ou científico da cultura

A partir da metade do século XIX começam a aparecer novos estudos sobre a cultura, temos um novo conceito sobre a cultura, ela assume uma orientação científica, como um conjunto de produtos e de valores de um grupo social que pode obter através da manipulação da natureza e do ambiente. Ela é, de um lado, educação, instrução de uma pessoa, por outro lado ela é um sistema de vida, característico de um grupo social humano, que inclui símbolos, costumes, valores, crenças e modelos comportamentais¹.

É assim que Taylor (1871), o antropólogo inglês, no seu famoso escrito *Primitive culture*, identifica a cultura como igual a *civilização* definindo como aquele conjunto complexo de conhecimento, crenças, arte, moral, direito, costume e qualquer que seja outra capacidade e hábito adquirido pelo homem enquanto membro de uma sociedade.

Com F. Boas esta via aberta por Taylor vai dar origem a orientações dos estudos feitos na área da antropologia cultural no sentido que a cultura abraça todas as manifestações dos hábitos sociais de uma comunidade, as reacções dos indivíduos enquanto abrangidos pelos hábitos do grupo no qual vivem, e os produtos da actividade humana enquanto determinadas por estes hábitos (Boas, 1930, p. 79). Em relação com a definição de Taylor, a de Boas acrescenta um dado novo ao considerar que a cultura inclui também os produtos das actividades humanas, que é o elemento que especifica o carácter objectivo da cultura. Em todo o caso, ela, por sua vez, deixa de lado um ponto fundamental que vai ser observado por W.D. Wallis. Para Wallis «a cultura são objectos artificiais, as instituições e os modos de vida ou de

¹ Sobre a história do conceito de cultura pode ser encontrado no excelente estudo introdutivo do volume de C. Kluckhohn-A.L. Kroeber, *Il concetto di cultura*, Il Mulino, Bologna 1972. O volume oferece uma classificação sistemática das principais definições que os estudiosos deram da cultura do ponto de vista objetivo, distinguindo sete grupos de definições: descritivas, históricas, normativas, psicológicas, estruturais, genéticas e incompletas. Depois de uma profunda e cuidadosa pesquisa em volta da história do termo os autores chegam a concluir que o significado da palavra “cultura”, seja aquele latino que em outras línguas que fizeram traduções a partir do latim, permanece unido àquele de cultura ou do processo através do qual se torna culto. Ora, este é o termo que é encontrado também no significado mais antigo de “civilização”. Este significado é usado, em alguns casos, ainda hoje quando se fala de cultura como sinónimo de civilização aplicada a indivíduos. O outro conceito é aquele que deriva do uso alemão Kultur que indica os *valores supremos* distintivos de uma sociedade

pensamento que não são peculiares do indivíduo mas que caracterizam um grupo [...]. A cultura é a vida de um povo assim como se formaliza em contatos, em instituições, em aparatos tecnológicos que lhe são típicos» (Wallis, 1930, p. 9). O que está presente nesta definição são os elementos espirituais da cultura como, por exemplo: conceitos, instituições, costumes, modelos de vida, cuja compreensão e interpretação supõe uma atitude epistemológica, portanto filosófica e metodológica.

L. Kroeber (1948. P. 9) define a cultura como um conjunto dos produtos do homem, mas não os produtos instintivos, que o homem tem em comum com os animais, mas aqueles deliberados, fruto da *racionalidade* e da *liberdade* humana.

Em todas estas definições fica presente a noção da cultura mediante uma série de características que lhe são próprias e que não se encontram na natureza. Do confronto entre natureza e cultura resulta que esta última é tudo aquilo que o homem, com o seu engenho e com a sua dedicação conquista ou produz: todo o conjunto do saber e do fazer, ou seja da ciência e da técnica, e tudo aquilo que com o seu saber e com o seu fazer extrai da natureza, ou seja, a natureza é aquilo que se apresenta diante do homem como matéria-prima, original e a cultura é aquilo que o homem extrai da natureza mediante a sua iniciativa e criatividade.

Cultura e civilização²: leitura crítico-filosófica

Muitas vezes as discussões tomam vigor negativo quando associa o conceito da cultura com o da civilização, como se verificou nas discussões da metade do século XIX. Recuperando a definição de Talyor onde estava patente a ligação da cultura com a civilização os autores alemães passaram a usar o termo cultura como contraposto ao de progresso e de fineza e assim a *Kulturvölker* (povo civil) como contraposto com a *Naturwölker* (povos primitivos). Na França a obra de Talyor tinha sido traduzida usando o título *A civilização primitiva*. Na Inglaterra os termos de cultura foram equiparados com a civilização. Com o surgimento da obra filosófica de Oswald Spengler, *O declínio do Ocidente* (1918-1922) vem contraposta claramente a concepção cultura e civilização, atribuindo a primeira a forma de uma sociedade e na segunda a fase em que a primeira começa a dissolver-se. Para Spengler cada cultura tem a sua civilização.

A civilização resulta ser o “inevitável destino de uma cultura”, ou seja, as civilizações, neste caso, são os estádios exteriores e superficiais de que uma espécie humana superior é capaz de produzir. Eles representam o fim, são o já realizado que sucede ao devir ou “o por- se – realizar”, a morte que segue a vida, a fixidez que segue a evolução. São estádios que aparecem depois do natural ambiente e a fase

² Entre várias definições de civilização que até aqui temos, parece esta ser boa: «civilização é uma construção unitária e continua, suspenso por um esforço substancialmente homogéneo, porque inspirado por um ideal consciente, fundada sob um sistema de fins e de valores compostos em harmonia e produtividade de uma ordem espiritual interior: construção que torna a realidade viva e assume concretude eficiente em virtude de uma organização poética que daquele ideal, daqueles fins, daqueles valores é expressão e ao mesmo tempo a proclamadora e a propagadora» (Francisci, 1952, p. 12)

infantil da alma..., é como uma metrópole petrificada ou petrificante, um ponto final que não se pode revogar e que se alcança segundo uma necessidade interna de qualquer cultura (Spengler, 1978, p. 57). De fato, há uma grande diferença entre cultura e civilização não sendo sinónimos e estão em horizontes semântico-filosóficos distantes.

Deste modo, seja a cultura que civilização são modos de ser de uma sociedade, porém o termo «civilização» possui uma compreensão que não está presente no termo da «cultura»; não passa de uma conotação axiológica positiva não presente no termo «cultura». Este é um modo de ser que se reconhece em qualquer sociedade humana independentemente do nível de progresso alcançado por ela.

Os fundamentos sócio-filosóficos da cultura

Foi já demonstrado o conceito da cultura seja no seu especto subjetivo que objetivo e quatro elementos podem ser considerados como fundamentos essenciais da cultura: língua, costumes, técnicas e valores e destes que consideramos como fundamentos antropológicos da cultura. Em que sentido? Ora, vejamos: a língua³ é um determinado sistema de sinais linguísticos excogitados por um grupo social para realizar a comunicação entre os membros do mesmo grupo, como por exemplo, a língua portuguesa para os portugueses, a língua Txuabo para os Txuabos, a língua Macua para os Macuas, etc. A língua é o primeiro elemento que faz sair da individualidade e singularidade para entrar em comunicação com os outros. Mas a língua não é só o elemento portador da cultura, como condição primária do constituir-se de um grupo social, mas é também aquilo pelo qual o grupo social se espelha imediatamente a si mesmo e de si mesmo, como afirma J. Grimm que uma língua, em toda a arquitetura da gramática, torna visível a vontade fundamental que um povo tem em vida e lhe dá força de falar uma língua que pertence somente a ele. Mais que o conhecimento das coisas, a língua é legado da liberdade dos homens (Grimm, 1937, p. 50). A língua não é criação de um indivíduo, uma invenção, mas todo o grupo social: é uma obra de arte do grupo enquanto grupo; e como toda obra de arte revela a personalidade, a genialidade, os interesses, os ideais, os sentimentos do artista que a produziu, assim também é a língua para o grupo social.

Mesmo que a obra de Spengler tenha trazido avanços no estudo sobre a filosofia, cultura e civilização procurando fazer uma interpretação filosófica da história universal, reconstruída através de grandes culturas, ela peca ao dar importância a distinção entre *línguas campestres* e *línguas das civilizações*. As primeiras são línguas das regiões sem cidades que, “eternas”, quase por nada foram tocadas pelos acontecimentos da grande história, e se conservam sob espécie de dialetos não escritos. As segundas são as línguas dos povos que «tem civilização e que são civilizadas» e se formam «no mundo da mobilidade e da sacerdotalidade» (Spengler, 1978, p. 877). Naturalmente esta distinção de Spengler é

³ Aqui alguns linguistas estabelecem diferenças entre a língua e a linguagem. A linguagem denota a função ou a capacidade de que o homem é naturalmente dotado (diferentemente dos animais) de exprimir-se e de comunicar-se com os próprios semelhantes, independentemente da nação e da cultura a que eles pertencem

muito tendenciosa e não reflete o lado realístico da questão, porque, na história das línguas não existem línguas “eternas”, todas as línguas tem a sua história, um desenvolvimento e estão ainda no processo evolutivo, como as próprias sociedades humanas estão em processo evolutivo. Para além da língua, os costumes constituem outra característica dominante de uma cultura. Em todas as culturas, incluindo as que compõem o território moçambicano, existe um tipo de alimentação, uma forma de vestir, um tipo de educação específica das crianças, até com suas metodologias, a atenção para com os mais velhos, a iniciação sexual, as crenças religiosas, os modelos de comportamentos, as organizações sociais (o poder), a política económica, etc, como escreve Taylor (1871, p. 38). Tudo isto faz parte daquilo que se chama de hábitos e costumes. Os costumes fazem parte da essência universal do homem e da sociedade. Fazendo uma relação entre os costumes de um povo e a sua submissão a um juízo moral, a maior parte dos costumes estão fora desse juízo moral, uma vez que entram na esfera do geral da vida da sociedade e faz parte do aspecto afectivo da cultura.

Para além da língua e dos costumes, cada grupo social desenvolve *técnicas* particulares de trabalho⁴ que correspondem as exigências do ambiente, a capacidade, a criatividade, o nível de civilização que é o seu estágio científico (basta ver como é que algumas regiões de Moçambique preparam os campos, como é que realizam a pesca, como é que constroem as casas para perceber as diversas técnicas que existem no País). Neste sentido, nenhum grupo primitivo, afirma Spengler, quanto primitivo ele seja, ignora o uso de determinadas técnicas para produzir e usar instrumentos, construir habitações, recipientes, armas e outros objectos manufacturados a partir da pedra, de pau de madeira, da lama, etc. (Spengler, 1931, pp. 822-823). As técnicas são os procedimentos excogitados pelo homem para produzir certos instrumentos para fazer face às próprias necessidades. Sendo assim, cada grupo cria, em primeiro lugar, aquelas técnicas indispensáveis à sua própria subsistência, técnicas para o seu cuidado, protecção ou para encontrar alimentos (Taylor, p. 106). É desta forma que a técnica ocupa um lugar importante na cultura. Constitui a sua caracterização, é a aplicação que o homem faz dirigindo o seu saber teórico para a natureza e ao ambiente. Também é da técnica que o homem supera e se destaca dos animais, imaginemos a descoberta do fogo da parte do homem, como descreve Asimov (1970, pp. 12-13). Conclusão, fica a ideia que cada cultura se caracteriza por uma série de estilos de ordem *técnica* e os indivíduos dotados dessas capacidades e qualidades mostram claramente que fazem parte do grupo social que possui tal cultura. Assim, partindo do modo de pintar, cozinhar, escrever, dançar, construir se pode facilmente compreender de que cultura pertence.

Os *valores* constituem um elemento essencial e constitutivo das culturas moçambicanas. Romano Guardini define o valor como «aquilo pelo que um ser é digno de ser, uma acção é digna de ser realizada» (Guardini, 1957, p. 85). E ainda Guardini anota que cada *valor* leva dentro de si mesmo o seu significado central, é força e fortaleza do homem. E Kant na *Crítica dos juízos* observa que a cultura é a

⁴ Em Lalande há uma distinção clara entre técnica e tecnologia. A técnica tem a ver com um conjunto de procedimentos destinados a produzir os resultados uteis, enquanto a tecnologia diz respeito ao estudo dos procedimentos técnicos (cfr. A. Lalande, *Dizionario critico di filosofia*, ISEDI, Milano 1971, pp. 909-911). Porém, observa Mondin, muitos antropólogos não observam esta distinção e usam os dois termos como equivalentes. É desta forma que Taylor (Taylor....) considera que no seu significado cultural indica todos aqueles costumes em base da qual as pessoas manipulam objectos e substâncias de todo o tipo.

capacidade racional que um tem de produzir e de escolher os próprios fins (os próprios *valores*). Cada cultura se caracteriza por estimar determinadas acções, hábitos, técnicas, coisas (animais, plantas, etc). Trata-se de elementos que são assumidos como critérios, como normas, como ideais, que no seu conjunto são *valores*.

Cada povo tem uma sua consciência de *valores* que formam «a sabedoria de um povo» e mediante essa sabedoria cada povo reconhece mais ou menos intuitivamente, o valor positivo ou negativo da realidade e sabe qual deve ser o seu comportamento perante essa sabedoria. Os valores são transmitidos de geração em geração e são validados por aqueles que a sociedade confia a tarefa de poderem fazê-lo. A tarefa mais difícil e que está ligada com a filosofia surge no fato que admitindo a existência de *valores* e *Valores*, como reconhecer os *valores* verdadeiros dos falsos de uma cultura? Ou então, todos os valores são verdadeiros? Como desmotivar as práticas culturais de Kuchinga, infanticídio praticados em algumas culturas como uma forma de perpetuar os valores recebidos pelos antepassados para afastar da aldeia a morte, e o infanticídio como admissível no caso haja uma deformação na constituição física da criança? Também admitindo que haja uma hierarquia de *valores*, como estabelecer que um *valor* seja primário e primeiro em relação aos outros, uma vez que todos os *valores* não podem ocupar o primeiro lugar? Por isso, precisa recorrer a filosofia para assessorar a tal escolha, para ajudar a estabelecer què coisa ocorre fazer, quais as acções a promover, quais ideais a perseguir, que *valor* realizar, ocorre, em ultima instância conhecer o homem na sua profundidade, que coisa é a sociedade, quais são as suas projecções finais, o sentido último da existência humana seja individual que social.

Características da cultura

A cultura pode ser identificada quanto a sua *origem*, quanto a sua *forma* e quanto a sua *finalidade*. Deste modo a quanto a sua *origem* a cultura pode ser produto do homem e não do sobrenatural, nem do acaso, como demonstrou Catenaro (1972, p. 2). Mas também a cultura pode ter sua origem factores sociais e elas podem ser muitas e todas elas interligadas o que favorece para o surgimento de novas culturas e a consolidação de uma cultura já existente. A cultura é um fenómeno social, ou seja super-individual, porque é partilhada, se perpetua além do arco da vida individual, a sua quantidade e qualidade, escreve Murdock, supera a capacidade dos esforços individuais (Murdock, 1949, p. 378). Mas mais que estes factores sociais, a cultura é fruto da iniciativa e da criatividade humana. E nenhum dos seus princípios constitutivos fundamentais a cultura é um produto espontâneo, autónomo, instintivo nem como forma de uma sociedade nem como de pessoas ou indivíduos particulares, mas resultado de esforços constantes, de um trabalho árduo. Não se tem cultura sem esforço de quem a produz e a recebe.

A cultura como obra do homem ela é ato moral, obra da inteira iniciativa do homem, da sua genialidade, é uma realidade moral, isto é, má ou boa, por este motivo, ela é susceptível de juízos éticos: pode ser aprovada ou desaprovada, apreciada ou condenada. A cultura não é automaticamente, intrinsecamente boa, como creram alguns pensadores modernos (racionalistas, iluministas, positivistas, idealistas, etc.),

por isso, diz Guardini, que a cultura indica que as realidades naturais acedem ao mundo da liberdade e adquirem uma potencialidade de novo género (Guardini, 1964: 213). No processo da defesa de uma cultura, seja qual ela for, é preciso ter uma atenção em ver até que ponto ela esconde elementos que podem prejudicar a boa apreciação dessa mesma cultura e dos seus cultores. A defesa cega, um conservadorismo, pode prejudicar a abertura de uma cultura para as outras culturas e impedir a convivência com outras culturas.

Aqui se abre outra característica não menos importante, que diz respeito à sua *forma*, que é aquela da sua sensibilidade, dinamicidade e historicidade de uma cultura. Ela é sensível, porque em todas as manifestações culturais revestem-se de aspectos que são perceptíveis através dos sentidos, o que significa que aquilo que não é sensível não faz parte da cultura. Assim as expressões altamente espirituais como a poesia, a filosofia, a religião, a música, a arte para adquirir um lugar na cultura devem incarnar-se em qualquer meio sensível: a música deve tornar-se som, as ideias devem tornar-se palavras, as convicções religiosas devem manifestar-se em ritos, etc. Por cultura vale o princípio filosófico kantiano no sentido que sem sensações as ideias são vazias, mas sem ideias as sensações são cegas. Mas também precisa admitir que a cultura é sempre dinâmica, mutável, sempre sujeita à transformações e evolução. Ela segue o destino da humanidade, mais precisamente, de vários grupos sociais, que não se encontram nunca em situações de imobilidade, mas de crescimento ou de declínio. Por isso, e não poucas vezes, as etnofilosofias encontraram dificuldades em poderem-se auto afirmar na medida em que o objecto em que eles passaram a defender, com os processos de mutação, foi sofrendo desgastes e perder o seu peso como fundamento filosófico. Desta feita e como é sabido, as razões de mutações culturais são muitas e múltiplas, podem se acontecimentos naturais, como inundações e secas; acontecimento biológicos, como epidemias e mortes; acontecimentos psicológicos, como fins emocionais e intuições inventivas. Acontecimentos como estes alteram as condições de vida de uma sociedade; criam novas necessidades e tornam insatisfatórias as velhas formas culturais, estimulam o comportamento para a via de inovações culturais. Contudo, os acontecimentos mais significativos são talvez os contactos históricos com povos de outras culturas diferentes, para que os homens tendem em primeiro lugar a saquear os recursos culturais de seus vizinhos para a solução de seus problemas de vida, e só em segundo tempo se movem a excogitarem para os seus engenhos inventivos, como dirá Murdock (1940 pp. 368-369).

A historicidade é uma das características da cultura que diz respeito à sua forma de que o homem tomou consciência a partir do pensamento filosófico de Gadamer, passando a ser uma das revoluções mais importante que abrem a chamada época moderna. A sua identidade espiritual ultrapassa provavelmente aquela que se reconhece nas realizações que visivelmente transformaram a superfície do nosso planeta. A consciência histórica, ainda lendo no pensamento de Gadamer, que caracteriza o homem contemporâneo, é um privilégio que não foi imposto a nenhuma das gerações precedentes (Gadamer, 1969, p. 27). A cultura como produto e criação do homem, ela é essencialmente histórica, ela partilha com o seu autor a propriedade da historicidade. Hoje é insustentável voltarmos a ter em Moçambique os modelos de culturas que dominaram o século XVIII ou mesmo o século XIX. Estamos sujeitos a lidarmo-nos com as transformações históricas do nosso tempo e isto torna difícil de sustentar um estudo metodologicamente filosófico baseando-se no paradigma das culturas Moçambicanas.

Por ultimo, uma das características da cultura é da sua criatividade. Esta é uma das características que encontra consenso em muitos pensadores dentro da história da filosofia e da antropologia. Por exemplo Platão e Vico consideraram que a cultura não é uma simples imitação de um plano ideal eterno: a execução de projecto originário de invenção divina. Recentemente esta tese foi reassumida por Micea Eliade com a teoria do «mito do eterno retorno». Segundo Eliade a cultura, sobretudo nas suas expressões religiosas, faz referência ao tempo das origens, «o tempo sagrado», que procura reviver e reincarnar. Neste sentido, segundo Eliade, o tempo das origens por excelência é o *tempo da cosmogonia*, o tempo em que apareceu a mais vasta realidade, o Mundo, diz Eliade. E, ainda, o *tempo cosmogónico* serve de modelo para todos os *Tempos sagrados*. O homem religioso se serve de todo o meio para restabelecer-se na Nascente da realidade primordial, quando o mundo se encontrava em *statu nascendi*. Este seria, segundo Eliade, o eterno- presente do acontecimento mítico que torna possível a duração profunda dos elementos históricos (Eliade, 1973).

Mas então, qual é a finalidade da cultura? A cultura efectua um elo de ligação entre o espiritual religioso e a sua realização humanística do homem. Por isso, a cultura tem no homem uma dupla missão. Ao mesmo tempo que a cultura tem uma finalidade muitíssimo importante, ela reveste-se de uma ambiguidade, se com o termo ambiguidade for concebido como «duplo sentido de uma palavra ou de uma expressão, seja para ela mesma em relação com a sua posição ou a sua conexão» (Lalande, 1971, p. 21). Enquanto em muitos casos a ambiguidade significa a possibilidade de ser diversamente interpretado, é duplicidade, assim dizemos que uma palavra é ambígua, que uma frase é ambígua, um passo é ambíguo, etc.

A ambiguidade para além do seu significado semântico, é um fenómeno moral que caracteriza o agir humano e os seus efeitos. Este significado de ambiguidade deriva do fato do homem, quer seja nas intenções quer nas realizações, pode propor-se finalidades moralmente contrastantes, opostas: boas ou más.

A cultura em todas as suas múltiplas expressões é um fenómeno moralmente ambíguo, porque é obra do Pensamento do homem, da sua livre iniciativa, genialidade, industrialidade. A cultura é o específico da natureza humana: ela faz do homem um homem e do grupo, um grupo social. De fato, a cultura oferece ao homem uma via de perfeição única e insubstituível, que o torna um todo perfeito. Mas também a cultura não é um fenómeno automaticamente bom em sede da ética, porque se pode cultivar o individuo na sua singularidade segundo um projecto errado e se pode dar também a sociedade uma forma espiritual má.

A ambiguidade da cultura deriva de duas causas principais, a finitude do homem e a sua liberdade.

A primeira causa é a *finitude* do ser humano. O homem não é o «ser supremo» teorizado por Marx, nem o super- homem de Nietzsche, mas um ser fechado dentro da *finitude*. O homem é finito no espaço, no tempo, nas suas possibilidades e, ainda mais, nas suas realizações, é finito como pessoa singular, finito como grupo social, finito como alma e como corpo. Só no pensamento ele perfura as barreiras da finitude e atinge o horizonte do infinito.

O homem é limitado em si mesmo, uma realidade limitada: todas as suas criações trazem consigo traços da finitude, incluindo a maior e mais nobre de todas, a cultura.

A segunda causa da ambiguidade da cultura é a *liberdade*. O homem, único entre todos os seres deste mundo está dotado deste extraordinário poder: de ser o autor das próprias decisões e das próprias acções.

Cultura e conhecimento

O conhecer, o saber, a autoconsciência é a primeira via percorrida pela cultura, tanto é assim que durante muitos séculos, quando se falava da cultura geralmente se entendia um elevado grau do saber. Homem culto era o homem que *sabia*, quanto mais ele avançava no saber, tanto grande era considerado como culto. Porém as relações entre saber (e a busca desse saber) e cultura são complexas, por causa das múltiplas formas que o saber pode assumir. Também no contexto da filosofia, sobretudo nas argumentações sobre filosofia africana, ocorreram momentos que usava-se elemento escrita para legitimação do homem verdadeiramente culto. Se partimos desta constatação, então chegaríamos a uma conclusão que Moçambique é um País de pouca cultura ou onde não existe nenhuma cultura, considerando que o maior número da população não sabe escrever e nem pode soletrar o alfabeto vindo do Ocidente. Mas o homem é dotado de várias faculdades cognoscitivas: sentidos, fantasia, memória, razão e pode desenvolve-las em modo harmónico, cultivando cada uma delas na medida que lhe compete, ou mesmo pode favorecer o desenvolvimento de uma em particular em detrimento das outras, por exemplo da fantasia em prejuízo da razão ou então vice-versa. Seja o individuo ou uma população cultive com preferência esta ou aquela outra capacidade, esta ou aquela outra forma de saber, se obtém um determinado tipo de cultura. Esta atitude pode dar origem, por exemplo, a confirmação histórica que se pode apresentar como cultura de vista, de audição, cultura de memória, cultura da fantasia, da experiencia, da intuição, etc. É como se verificou na famosa periodização da história de Vico em *ursos* e *recursos* em que apresenta o desenvolvimento da humanidade em fase, sendo a em primeira onde o homem desenvolveu a fase dos sentidos, depois da fantasia e, por último a fase da razão ou da filosofia. O mesmo princípio foi usado na periodização da história em Hegel, Comte e Spengler.

Também no âmbito do saber, para o nosso caso e com a pretensão de auto afirmação da nossa identidade ou com a pretensão de nos identificarmos com o Ocidente, é fácil cair no erro de promover uma cultura unilateral, demasiada desequilibrada ou para os sentidos, ou para a fantasia ou para a razão. Sobretudo com referência a esta última é fácil favorecer o desenvolvimento de uma cultura errada, seja na educação do individuo seja na edificação da sociedade. O homem não possui uma razão omnisciente, capaz de desvendar todos os mistérios do universo, como se pretendeu priorizar no mundo ocidental dos últimos séculos.

Filosofia e cultura Moçambicana

O estudo mostrou uma estreita ligação entre a filosofia e cultura, fato que verificou na articulação dos dois conceitos da cultura, no sentido subjectivo e objectivo, na identificação dos fundamentos sócio filosóficos da cultura, nas características da cultura e na relação entre cultura e o conhecimento, se considerarmos que o conhecimento é o âmbito específico da filosofia. Também foi demonstrado que a filosofia, apesar de ser um dos elementos da cultura, ela exerce um papel de avaliação crítica sobre os procedimentos vinculativos da cultura, desencorajando aquelas manifestações que tornam as vivências culturais menos dignas para os próprios membros de uma cultura, ao mesmo tempo encorajando aqueles elementos que favorecem o desenvolvimento humano e humanizante dos membros de uma cultura. Vários momentos se podem verificar que o homem Moçambicano, usando a sua inteligência, a sua sabedoria filosófica, produziu e produz a sua cultura, a solidifica, apesar de várias tempestades que tendem a destruir aquilo que ele sabiamente construiu e vai construindo quer espiritualmente que materialmente. Dai hoje, o discurso académico pode assessorar a sistematização e alargamento do conhecimento que o homem moçambicano tem das suas culturas, partindo do princípio que em Moçambique não temos ainda uma única cultura, de modo a fortalecer a nossa identidade na diversidade. Cada um dos elementos das culturas Moçambicanas pode ser tomado como objecto de análise e de estudo, sobretudo nas universidades, e oferecer modelos assimiláveis para todo o território Moçambicano, aliás soube muito bem observar Albino Magaia (2010, p. 187) ao dizer que Moçambique sendo um País como rico na sua diversidade e o reconhecimento e valorização dessa diversidade é um factor fundamental de coesão, estabilidade e desenvolvimento e igualmente, de integração plena de Moçambique no conceito das nações. E ainda, a visão de Magaia, recomenda que a diversidade cultural, étnica, racial, religiosa, de género e outras devem ser reconhecidas, respeitadas e valorizadas na política, na economia, na administração e assimiladas como património nacional.

Entre o excesso de um dogmatismo intolerante e o defeito de uma apologética anacronista, deve-se apoiar pelo método de «aproximação crítica» aos problemas da filosofia e da Cultura que nos leva a propor o modelo de “diálogo” que se deve realizar responsavelmente com quem não partilha com as nossas opiniões, sobretudo quando elas visam a criação de uma convivência cultural mais saudável. Em tal modo se promove a autêntica cultura do espírito sem cair nas “fissuras” de um *Culturalismo* de moda. Claro, a filosofia se faz com o uso das ideias e não dos compromissos pertencentes aos homens políticos; razão pela qual, ao fim e ao cabo, todo o discurso de exhibir o próprio crédito em sentido dilemático ou acaba convalidando a perspectiva do “ser” que avalia o homem e a sua cultura, ou aquela do homem protagórico que se faz ele a medida de todas as coisas.

Nesta batalha os interlocutores devem sentir-se empenhados e envolvidos interiormente de tal forma que a sua palavra, o seu ensinar, apreender e dedicação na pesquisa dos elementos da cultura deva traduzir-se em testemunho de vida filosofante, uma vez que nos deixa tomar pelo «estupor» das coisas e da tensão para a transcendência: «filosofar é uma obra humana.....Filósofo é aquele que se extasia lá onde os outros passam por cima das coisas...*pensar, filosofar*, significa ser capaz de colher um certo sentido místico no quotidiano das coisas e nas profundidades dos acontecimentos» (Emmanuel Mounier), testemunho este, muito parecido com as posições de Wittgenstein. Filosofar sobre esta via

significa, em definitivo, *Regredir progressivamente* em tal fundamento (Heidegger). Tal Regresso faz de imediato florescer o nó problemático que intercorre entre axiologia cultural e ontologia cultural, que é sensível à consciência africana (Moçambicana), como demonstrou Mbiti. Isto significa que obrigou a dar uma resposta as seguintes perguntas: quem foi o criador d’A Cultura e d’O Valor? Quem põe a pergunta sobre a cultura? Para que finalidade...? O aperfeiçoamento que o homem procura no mundo e na história vai-se realizar na base de um “refus” onde uma “invocation” (abertura antropológica à transcendência no sentido de Gabriel Marcel ou de Sócrates) podem ser estímulos para reacender na nossa animosidade estas ou outras interrogações similares no trabalho árduo da pesquisa para o conhecimento das nossas CULTURAS, por vezes pouco estimulante por falta de dinheiro, de motivação, de oportunidades, mas que vale a pena ser feito.

Na pesquisa filosófica sobre as culturas deve-se ter esta consideração metodológica que tende a abarcar o homem e a sociedade na sua totalidade, o que nós, na nossa convicção filosófica, descoberta que tivemos depois da proposta da Universidade Católica, passamos a chamar de fundamentos filosóficos do homem:

Tabela 1 – Fundamentos filosóficos do Homem

1. Dimensão Existencial	O homem é um Ente, que se relaciona com o ambiente (ar, água, animais, homens, condições de vida, respeito pela natureza, o sobrenatural) vive num determinado espaço e tempo. Como tal, a Cultura existe é produto do homem, existe num determinado espaço e tempo, com características específicas. Toda pesquisa filosófica deve abarcar toda a existência do homem e visar melhor esta mesma existência, porque o homem é.
2. Dimensão Intelectiva	Se o homem é, ele pensa, entende, reflecte, está munido das faculdades mentais, possui virtudes, boas maneiras, capacidade de distinguir o verdadeiro e do falso, estão nele dados sensoriais e mentais, participa no processo de formação educativa que é uma forma de activar a mente para produzir a sua cultura. Nenhuma forma de saber, nenhuma convicção política e ideológica pode impedir o homem a exercer a sua faculdade intelectual. Todas as culturas em Moçambique devem promover as capacidades intelectivas do homem, desde o seu nascimento até à morte. Precisa conservar aquilo que o homem espiritualmente produziu, mesmo depois da sua morte. E isto faz-se com a pesquisa e não simplesmente com incentivos que visem financiar projectos de índole material.
3. Dimensão da Decisão	O homem em virtude da sua inteletividade, procura conhecer a verdade, tem vontade de conhecer, motivação, busca conhecimento prévio das coisas, quer saber alguma coisa, estabelece uma relação sujeito -objecto, relação de intersubjectividade, escolha, reflexão, determinação, coragem. Assim decide produzir sobre aquilo que quer produzir, neste caso, sobre a sua cultura. Mesmo naqueles momentos em que um homem, uma sociedade, uma cultura parece não estarem em altura de decidir, ninguém pode decidir por eles, quando o muito pode-se apenas ajudar para que tomem uma decisão. Aqui, para esta nova descoberta sobre só conteúdos da nova filosofia moçambicana, abre-se o complexo processo ético do homem.
4. Acção	Exteriorização, atitude, implementação, compromisso do homem com a sua cultura. O homem entra no processo da acção como fim e principio do seguinte circuito: o homem é, pensa, decide e age.

Referências Bibliográficas

Aquino, S. Tomás. *Summa Theologiae* ½, q.95

Asimov, J. (1970). *La vita e l'energia*. Bologna: Zanichelli.

Bausola, A. (1977). *Natura e progetto dell'uomo*. Milano: Vita e Pensiero.

Benedict, R. (1972). *Patterns of Culture*. New York.

Boas, F. (1930). Antropology. In *Encyclopaedia of the Social Sciences*, (vol.II.) New York: Macmillan.

Catiano, J. (2010). *Referenciais da filosofia africana. Em busca da intersubjetivação*. Maputo: Editorial Ndjira.

Coreth, E. (1978). *Antropologia filosófica*. Brescia: Morcelliana.

Dawson, C. (1976), *The Historic Reality of Christian Culture*. Connecticut: Greenwood.

Eliade, M. (1973). *Il sacro e il profano*. Torino: Boringhieri.

Fink, F. (1969). *Il gioco come simbolo del mondo*. Roma: Lerici.

Francisci, P. (1952), *Spirito della civiltà romana*. Roma: Ateneo.

Gadamer, H. G. (1969). *Il problema della conoscenza storica*. Napoli: Guida.

Grabmann, M. (1993). *La filosofia della cultura secondo Tommaso d'Aquino*. Bologna: Studio Dominicano.

Grimm, J. (1937). *L'origine des langues*. Paris : Vrin.

Guardini, R. (1957). *Libertà, grazia, destino*. Brescia: Morcelliana.

Harries, P. (2007). *Junod e as sociedades africanas. Impacto dos Missionarios Suicos na Africa Austral*. Maputo: Edições paulistas.

Herder, J.G. (1971). *Idee per la filosofia della storia dell'umanità*. Bologna: Il Mulino.

Lorenz, K. (1974). *Gli otto peccati capitali della nostra civiltà*. Milano: Adelphi.

Kwerne, F. (1972). *Humana civitas. Staat, kirche und Kultur*. Lipsia.

- Kluckhohn, C. & Kroeber, A.L (1972). *Il concetto di cultura*. Bologna: Il Mulino.
- Kroeber, A.L. (1974). *Antropology*. New York.
- Lalande, A. (1971). *Dizionario critico di filosofia*. Milano: IESDI.
- Lazzatti, G. (1975). *In Cristianesimo e cultura*: Milano, Vita e Pensiero.
- Lonergan, B. (1975). *Il método in teologia*. Brescia: Queriniana.
- Magaia, A. (2010). *Moçambique: Raizes, Identidade, Unidade Nacional*. Maputo: Ndjira.
- Malinowski, B. (1962). *Teoria scientific della cultura e altri saggi*. Milano: Feltrinelli.
- Martinez, L. F. (2003). *Antropologia cultura. Guia para estudo*. Maputo: Edições paulinas.
- Matusse, G. (1998). *A construção da imagem de Moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Mondin, B. (1981). *Una nuova cultura per una nuova società*. Milano: Massimo.
- Murdock, G. P. (1949). The Science of Human Learning: Society, Culture and Personality. In *Scientific Monthly* 69.
- Niebuhr, R. (1956). *Christ and Culture*. New York: MacGraw.
- Rapoport, A. (1950). *Science and the goals of Man*. New York: Harper.
- Snow, C. P. (1959). *Two cultures and the Scientific Revolution*. Cambridge.
- Spengler, O. (1978). *Il tramonto dell'Occidente*. Milano: Longanesi.
- Taylor, C. (2004). *La modernità della religione*. Roma: Biblioteca Meltemi.
- Taylor, E. B. (1871). *Primitive culture: Reaches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom* (vol. I). London: Murray, Albemarle Street.
- Vaz, H. (1997). *Escritos de filosofia III. Filosofia e cultura*. Sao Paulo: Ed. Loyola.
- Wallis, D.(1930). *Culture and Progress*. New York: McGraw-Hill.
- Wundt, W. (1920). *Kultur und Geschichte*. Lipsia.